

Parafita, A. (2003) - O paradoxo do Vale do Côa. *Tribuna do Douro*, 2, Régua, p. 37

TribunaDouro

Grátis

Número 2 | Junho 2003 |

Fundamental para o Verão.
Útil para a praia.
Começam as dietas forçadas,
enchem-se os ginásios, e agora
vale tudo para perder peso e
entrar na linha. Contém roteiro
dos principais ginásios da região



Entrevista
com Fernando
Ruas
Presidente da
ANMP

DIETA MILAGROSA

Vila Real - Centro Hospitalar Vila Real - Rêgua Fracturas Expostas



Alexandre
Parafita

O paradoxo do Vale do Côa

O Vale do Côa é hoje um dos mais ricos santuários arqueológicos do mundo, com uma enorme representação de arte rupestre que remonta ao Paleolítico Superior. Exemplarmente conservado, valorizado e promovido mundo fora, todo ele é hoje uma homenagem exemplar à memória do Homem de há 20 mil anos.

Paradoxalmente, porém, o Vale do Côa continua, ainda hoje, sem conseguir prestar a homenagem merecida à memória do homem que, em 1939, descobriu e divulgou as gravuras rupestres: José Silvério de Andrade. Muitos folhetos, brochuras e outros materiais promocionais estão, há anos, a circular pelas escolas, universidades, fundações, serviços públicos, bibliotecas, postos e agências de turismo, contudo, em nenhum deles o nome do seu descobridor aparece. Porquê? Quem tem medo, afinal, da memória de Silvério de Andrade?

A questão das gravuras do Côa ainda promete muito que contar. Num país pobre como o nosso, sem recursos (de "tanga" como se tem dito...) ainda virá, certamente, quem há-de exigir uma justificação sobre os milhões de contos gastos, em vão, numa Barragem condenada. Milhões de contos que o País pouparia se a descoberta de Silvério de Andrade fosse levada a sério, na hora própria, por quem tinha, no mínimo, obrigação de a conhecer.

José Silvério de Campos Henriques Salgado de Andrade, médico, escritor, poeta, publicista, etnógrafo e político, nasceu em Freixo de Numão, Vila Nova de Foz-Côa, em 1903, e faleceu em Mascarenhas, Mirandela, em 1959. Foi também Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz-Côa e, nessa qualidade, fez e custeou pesquisas sobre o património do seu concelho, incluindo as gravuras.

Entre outras intervenções, este estudioso escreveu no "Anuário da Região Duriense", com a data de Outubro de 1939, um extenso artigo sobre Foz-Côa onde, entre outras informações respeitantes ao património histórico e cultural do concelho, revelava a descoberta das gravuras paleolíticas e recomendava estudos mais aprofundados sobre elas. Havia

identificado então "pedras gravadas com desenhos representando flores, plantas e animais" e procurara mesmo avaliar, na apreciação que fez, uma "intuição artística por parte do lapicida" pela perfeição demonstrada "especialmente num peixe, umas serpentes e uma cabeça de cavalo arreado, assim como uma ave em atitude de levantar voo". (Este exemplar do "Anuário", recorde-se, foi descoberto por nós, num velho caixote da Biblioteca Municipal de Mirandela, em Julho de 1995 e, sobre isso, fizemos a devida divulgação num jornal diário onde então trabalhávamos. Hoje, por iniciativa nossa e de Mila Abreu, tudo isto está já divulgado a nível internacional; ver: http://rupestre.net/tracce_php/modules.php?name=News&file=article&sid=17).

Enquanto presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz-Côa, Silvério de Andrade pagou do seu bolso a deslocação ao concelho do já então consagrado fotógrafo portuense Domingos Alvão. Desta visita resultaram dois álbuns de fotografias. Onde param hoje estas fotografias?

Entretanto, no Arquivo Nacional de Fotografia, em Lisboa, onde constam os álbuns de Domingos Alvão nada aparece. O historiador Gaspar Martins Pereira, em 1996, escrevendo sobre as fotos de Alvão dá o seu testemunho: "São centenas de fotografias guardadas em quinze álbuns, um deles, infelizmente, perdido (...)".

Que álbum será esse? Estariam nele as fotos que Silvério de Andrade encomendou a Domingos Alvão?

Perguntas aborrecidas, é certo. Mas pior que suportá-las é ver branquear a memória de um Homem, transmontano e duriense, cujo exemplo a todos deve orgulhar. A Câmara Municipal de Vila Nova de Foz-Côa, quando mais não seja por se tratar de um antigo Presidente, deveria exigir, no mínimo, que o seu nome figurasse nos documentos oficiais como o Descobridor das gravuras do Côa. ■

* Escritor. Investigador de Literatura Oral
alexandreparafita@tribunadouro.com